

## AS VÁRIAS LINGUAGENS DA SAUDADE – “SUJEITO PÓS-MODERNO” *VERSUS* “SUJEITO ROMÂNTICO”: UM ESTUDO DO SAUSOSISMO EM LETRAS DE CANÇÕES DE BELCHIOR EM CONTRASTE COM A ESTÉTICA ROMÂNTICA

Mestrando em Literatura. Marcos de Jesus Oliveira (UnB)\*

**RESUMO:** *Este trabalho discute como o saudosismo é retratado nas letras de canções de Antônio Carlos Belchior em contraste com a estética romântica. O objetivo é entender a maneira pela qual a problemática da saudade emerge no “sujeito pós-moderno” – representado nas letras do cancionista – em contraposição ao “sujeito romântico” – representado nos poemas de autores do Romantismo. A saudade pós-moderna e a romântica são contrastadas com o intuito de perceber o modo de inserção do indivíduo no mundo pós-moderno e a composição de sua visão de mundo como possíveis identificadores de tensões, contradições e ambigüidades de sua experiência enquanto ser social e político.*

**Palavras-chave:** Belchior, saudade, sujeito pós-moderno, Romantismo.

### Introdução

Pensar a atualidade da saudade, a partir de expressões artísticas contemporâneas e como algo intrínseco a nossa experiência de sujeitos historicamente situados, significa explorar os códigos culturais que informam as infinitas possibilidades expressivas do ato poético. Trata-se de tentar captar o instante em que a literatura revela, de forma incansável, porém com a sutileza que lhe é própria, a compreensão que temos de nós mesmos e de nosso lugar no mundo bem como a compreensão que temos do “outro” e do seu lugar no mundo. Fato que só é possível porque a literatura, veículo propício para expressão da saudade, é o espaço onde o homem se duplica e coloca a si mesmo em perspectiva, podendo, dessa forma, se converter em objeto de sua própria reflexão (ISER, 1996).

A saudade vista em uma perspectiva heideggeriana de “ser-no-mundo” (VATTIMO, 2002) é experienciada por todos os homens, em todas as culturas. Esta maneira caracteristicamente humana de se relacionar com o mundo se manifesta na sensibilidade em perceber a distância, o passado em seu aspecto subjetivo e singular. Como atitude de um espírito inconformado em face da vida, a saudade revela o esgotamento de um presente que já não pode ser totalmente pleno. Entretanto, sua força pode também gerar o efeito contrário e nos levar a um estado de paralisia absoluta em que oscilam alegria e tristeza.

É tendo como horizonte estas considerações que o presente trabalho objetiva refletir sobre as seguintes problemáticas:

- sendo o ser humano “um animal amarrado a teias de significados” (GEERTZ, 1978, p.15), cuja existência está sempre vinculada a um contexto histórico-cultural, é possível conceber diferenças qualitativas nas imagens e/ou temas a que se ligam o saudosismo presente na estética romântica em contraste com a estética de um Belchior?
- como o eu-lírico dos poemas de autores românticos (denominado para os objetivos desse trabalho de “sujeito romântico”) em contraste com o eu-lírico das letras de canções de Belchior (denominado de “sujeito pós-moderno”) experienciam a saudade?
- a consciência pós-moderna de que “não há nenhuma saída certa para a incerteza; de que a fuga à contingência é tão somente contingente quanto à condição da qual se busca fugir”

---

\* Universidade de Brasília (Departamento de Teoria Literária e Literaturas). E-mail: oliveiramark@yahoo.com.br

(BAUMAN, 1999, p.250) tem acarretado diferenças na maneira como os sujeitos experienciam a saudade?

- a nova ordem global “cujos efeitos se fazem sentir sobre todos nós: a globalização” (GIDDENS, 2005, p.5) tem imposto novos sentidos à saudade?
- é possível, a partir das representações presentes nos textos poéticos analisados, identificar pontos de tensões, contradições e ambigüidades da experiência do sujeito pós-moderno enquanto ser social e político em contraste com o sujeito romântico? E em que direções essas tensões apontam?

Para tanto, inicio minha discussão com uma breve análise etimológica da palavra saudade, assinalando também alguns momentos de sua presença no discurso da filosofia, das ciências e das artes. O objetivo é traçar, embora parcialmente, a maneira pela qual o imaginário ocidental tem pensado e “sentido” a saudade ao mesmo tempo em que busco recuperar a saudade como uma das várias dimensões própria e inseparável de um certo modo de ser e de estar no mundo.

Este percurso servirá apenas para mostrar a recorrência e a universalidade da saudade na experiência humana, o que permitirá também elaborar uma definição capaz de apreender seus elementos constitutivos sem apagar as especificidades históricas das vivências incluídas sob este verbete. Sendo assim, será visto que, embora a saudade possa se ligar a “conteúdos” diferentes e ser experienciada de forma diversa por sujeitos em contextos históricos distintos, esta é elemento constitutivo da subjetividade humana desde tempos imemoriáveis.

## 1 Saudade – Sentimento Humano, Demasiado Humano

Uma das palavras mais presentes na poesia de amor da língua portuguesa e também na música popular, “saudade”, só conhecida em português, é uma palavra que, etimologicamente, vem do plural latino *solitates* (solidões), na forma arcaica de *soedade*, *soidade* e *suidade*, e sob influência de “saúde” e “saudar”. É interessante notar que sua forma e sentido atuais data desde o século XIV; no entanto, antes do seu surgimento, existia, já na língua portuguesa, o vocábulo *coita*, e suas variantes, *coyta* e *cuita*, que era usado para descrever “o drama passionai do trovador, o seu tormento amoroso em toda a sua complexidade” (SPINA, *apud* TOBIAS, 1966, p.7). *Soedade*, *soidade*, *suidade*, termos usados posteriormente, vieram a dar na saudade, mas não possuíam a extensão e a universalidade de seu significado atual (TOBIAS, *op. cit.*, p.13). Vale a pena mencionar que há, ainda, na língua portuguesa assim como em outras línguas, o termo “nostalgia” que, tendo sua origem a partir do grego *nóstos*, significa regresso, retorno. Embora seu significado seja bastante próximo ao da palavra saudade, seu sentido não revela a mesma carga emotiva presente neste último vocábulo, sendo seu uso menos recorrente em português.

Sugiro, para os fins deste trabalho, que saudade seja entendida como “lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las” (FERREIRA, 1988, p.1276). Nestes termos, há uma aproximação ao sentido psicanalítico de melancolia; entretanto, sem a carga patológica que os estudos freudianos e/ou a ciência médica, em geral, a ela conferiram. Saudade será, dessa forma, uma “reação à perda do objeto<sup>1</sup> amado” (FREUD, 1996), ou ainda, “o desejo de recuperar algo que foi perdido” (FREUD, 1996) porque só podemos sentir saudades daquilo a que um dia experienciamos de forma amorosa em que se mesclam “alegria, desejo e tristeza” (TOBIAS, *op. cit.*, p.13).

Esta aproximação conceitual da saudade à noção de melancolia se torna interessante na medida em que permite perceber a saudade/melancolia como um dos sentimentos que tem acompanhado a humanidade desde tempos imemoriáveis. Trata-se, dessa forma, de criar um Terceiro Espaço (BHABHA, 2003, pp.67-68), de modo a permitir a emergência de “condições discursivas da enun-

<sup>1</sup> É importante esclarecer que objeto, em sentido psicanalítico, pode designar pessoas, coisas, lugares, idéias, etc, uma vez que o conceito se refere ao investimento libidinal, ou seja, afetivo, a um fenômeno qualquer. Para mais detalhes, veja LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, pp.321-325.

ciação da cultura que não tenham unidade ou fixidez primordial e que até os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo.” (BHABHA, *op.cit.*, p.68). A melancolia/saudade será encontrada, portanto, desde obras de artes, como a **Ilíada**, de Homero, passando por textos da filosofia grega antiga, como em Aristóteles, por exemplo, até os escritos pré-históricos de Hipócrates, considerado o pai da medicina, cabendo ainda ressaltar que será referenciada até mesmo no Antigo Testamento (KRISTEVA, 1989; SCLIAR, 2003).

Nas artes, há, conforme citei, a **Ilíada** em que Homero (cerca de 850 a.C) descreve Belerofonte (canto IV, versos 200-203), herói condenado a vagar na solidão e desespero, a partir de seu sofrimento melancólico. Entre nós, destaco a obra **Suspiros poéticos e saudades**, publicada em 1836, de Gonçalves de Magalhães. Considerada o marco inicial do Romantismo brasileiro, seu título já colocava em evidência a atitude romântica de valorização daquele sentimento de alegria e mágoa vivido pela ausência ou desaparecimento de pessoas, coisas, estados ou ações.

Vale a pena mencionar que, ainda entre nós, Paulo Prado escreve, em 1928, **Retrato do Brasil – ensaio sobre a tristeza brasileira**. Nesta obra, o autor tenta explicar o atraso econômico e cultural do Brasil a partir da noção médica de melancolia. Segundo Prado, o povo brasileiro teria como principal traço de caráter a tendência à tristeza e à melancolia resultado de um longo processo de formação histórica iniciado desde a chegada dos colonizadores. Este processo de formação étnico-cultural da nacionalidade contribuiu para que os brasileiros se tornassem um povo triste, cansado, prostrado. Neste sentido, o autor afirma que

a melancolia dos abusos venéreos e a melancolia dos que vivem na idéia fixa do enriquecimento – no absorto sem finalidade dessas paixões insaciáveis – são vincos fundos da nossa psique racial, paixões que não conhecem exceções no limitado viver instintivo do homem, mas aqui se desenvolveram de uma origem patogênica provocada sem dúvida pela ausência de sentimentos afetivos de ordem superior... Do enfraquecimento da energia física, da ausência ou diminuição da atividade mental, um dos resultados característicos nos homens e nas coletividades é, sem dúvida, o desenvolvimento da propensão melancólica. (PRADO, 1981, p.92)

Nas ciências, desde Empédocles, passando por Hipócrates, Galeno e Descartes, o termo melancolia era usado para descrever as oscilações de humor, sobretudo como resultado de processos fisiológicos, pois, principalmente entre os gregos, o humor era definido em termos de excesso de tristeza ou de alegria (SCLIAR, 2003). A etimologia da palavra melancolia sugere que esta era considerada e até denominada de Bília Negra, substância liberada devido ao adoecimento e mal funcionamento orgânico do fígado. Cunhada a partir dos termos gregos *melas* (negro) e *kholé* (bile), esta definição afirmava que a melancolia era resultado de variações do humor, ou seja, nada mais do que a variação de uma quantidade orgânica, um excesso ou uma falta de uma substância que lhe dava consistência.

A reflexão de Aristóteles (384-322 a.C) sobre a melancolia sugeriria um caminho oposto. O filósofo grego fará uma relação entre a melancolia e a condição de genialidade e excepcionalidade. Segundo ele, a melancolia seria uma marca distintiva entre homens de capacidades superiores e homens de capacidades comuns. O pensador acreditava que o homem triste, ou seja, melancólico, era um homem mais profundo. Por isso, a melancolia era considerada como um traço diferenciador encontrado em muitos filósofos e heróis. Com Aristóteles, aponta Kristeva (KRISTEVA *op. cit.*, p.14), a melancolia passa a ser co-extensiva à inquietação do homem no Ser. Ali já se podia vislumbrar a antecipação da angústia existencialista heideggeriana e, de modo similar, a essência da liberdade humana na opinião de Schelling.

A perspectiva aristotélica fez fortuna entre os românticos que consideravam a melancolia um estado superior da mente, um atributo de valor. E se aceitamos a correspondência dos termos melancolia e depressão sugerida em meados do século XIX, veremos que há ainda aqueles que advogam a idéia de que esta é marca de genialidade e de superioridade intelectual ou moral. Muitos atribuem a excepcionalidade de um Beethoven, por exemplo, a um possível estado depressivo.

Conforme aponte, o espírito científico do século XIX substituirá o termo melancolia por depressão para descrever este estado da alma em que se mesclam inibição e desejo de reviver uma experiência anteriormente prazerosa. Entretanto, como não poderia ser diferente, o novo termo “médico” será cunhado para descrever a natureza patológica desta maneira de ser e de estar no mundo. O que no passado era denominado melancolia passou a se chamar depressão e ainda hoje se costuma definir a depressão como uma “reação à perda de objeto” (BLEICHMAR, 1983, p. 16), perda de objeto em sentido psicanalítico, o que mais uma vez nos permite aproximá-la à natureza da saudade.

Sabemos do risco em que se incorre ao aproximar as idéias de saudade, melancolia e depressão, principalmente pelo fato de que a dois destes termos tem sido atribuída carga patológica. Não obstante, cabe ressaltar que não se trata de uma confusão terminológica, tampouco de tomar um conjunto de experiências históricas diferentes como um mero reflexo de uma suposta unidade do real, mas de perceber como o desejo de tornar a ter ou possuir pessoas ou coisas distantes ou extintas, marcada por uma certa introspecção inibidora, é recorrente desde milênios.

Ressalto, por isso, que os três termos, desde que desprovidos de possíveis cargas patológicas que possam lhes ter sido atribuídas ao longo de sua história, descrevem uma condição geral e universal do ser humano presente nos mais variados tempos e culturas. Em outras palavras, embora se possam conferir sentidos diferentes a este sentimento em que se mesclam “tristeza, desejo e alegria”, persistirá sempre o desejo de voltar a ter ou possuir algo anteriormente vivido ou tido. Talvez a carga patológica ou o tom de excepcionalidade atribuída a estes conceitos nos sirvam para evidenciar como o imaginário ocidental tem lidado com este modo de “ser-no-mundo”, com este sentimento **humano, demasiado humano**<sup>2</sup> que marca radicalmente a incompletude do homem: a saudade.

## 2 As Várias Linguagens da Saudade: Sujeito Romântico *versus* Sujeito Pós-Moderno

A estética romântica, expressão da sensibilidade de uma época, é um dos momentos mais férteis de expressão máxima da saudade uma vez que o Romantismo, singular na história do ocidente e quando lido a partir das idéias dos filósofos alemães Fichte, Schelling, Schlegel, etc, poderia ser entendido como a expressão artística do desejo humano de fusão com o Absoluto. Em outras palavras, o Romantismo é marcado por um subjetivismo cuja tendência é a de “ser transcendido através de um alargamento sempre maior do eu, dando-lhe uma dimensão metafísica que o confunde com o universo e, em última análise com o Absoluto” (BORHEIM, 1993, p. 92).

Dessa maneira, a fusão com o Absoluto, ao menos em termos psicanalíticos, se confunde com a própria saudade cuja dinâmica é a busca da “experiência de satisfação” (FREUD, 1996a) com o intuito de repeti-la, pois a marca mnêmica que registrou aquela experiência foi demasiadamente prazerosa e plena para ser apagada do psiquismo. Neste sentido, este estado de busca de um mundo idealizado em um passado marcado pelo sonho e pelo devaneio é atitude própria do homem romântico, mas também do homem em geral, ainda que possa assumir dimensões diferentes.

No Romantismo brasileiro, vários nomes se destacam no que diz respeito ao saudosismo. Casimiro de Abreu poderia ser tomado como um dos exemplos paradigmáticos da expressão da saudade em nossa literatura. Em sua obra **As Primaveras**, muitos de seus poemas (ex: “Minha Terra”, “Meu lar”, “Meus oito anos”, “No lar”, etc) manifestam a saudade na idealização da infância e/ou do passado como fontes de satisfação plena para o eu-lírico que é denominado, para os objetivos de nosso trabalho, de “sujeito romântico”. Essa atitude de idealização parece estar ligada, pelo menos em parte, à idéia do “bom-selvagem” de Rousseau. Seus poemas expressam nostalgia pela infância, saudade da terra natal e uma forte devoção pela pátria. Em uma cadência de inspiração doce e meiga e com um estilo espontâneo, cheio de emoções simples e ingênuas, sua poesia, talvez exagerada

---

<sup>2</sup> Aqui estou parafraseando Nietzsche para quem as verdades não têm nada de transcendentais, mas são verdades criadas pelos homens (NIETZSCHE, s/d).

no sentimentalismo e repleta de amor, expressa, sem violência, um misto de alegria e de tristeza com brilho e delicadeza.

Nestes termos, podemos afirmar que o sujeito romântico atribui seu mal-estar a condição presente e vê que este sofrimento só cessará quando experienciar novamente o passado por ele idealizado:

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,  
Meu Deus! não seja já;  
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,  
Cantar o sabiá!  
Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro  
Respirando êste ar;  
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo  
Os gozos do meu lar!<sup>3</sup> (“Meu lar”, Casimiro de Abreu)

O sujeito romântico parece acreditar que só pode ser feliz ao realizar o desejado retorno àqui-lo por ele imaginado, como se pode observar na última estrofe da “Canção de exílio”, de Gonçalves Dias:

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu’inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.<sup>4</sup> (“Canção do exílio”, Gonçalves Dias)

Portanto, a atitude romântica ligada ao saudosismo se expressa, principalmente, pelo intimismo e também pela idéia de que a saudade sempre despertará reações originais e totalmente novas, embora ela seja um sentimento recorrente que sempre acompanha o sujeito romântico. O escapismo, tão característico da estética romântica (COUTINHO, 1995, p.146), é apresentado como o desejo de fugir da realidade para um mundo idealizado, criado a própria imagem e semelhança do eu-lírico, à imagem de suas emoções e desejos, mediante a imaginação:

Oh! Que saudade que tenho,  
Da aurora da minha vida,

---

<sup>3</sup> “Meu lar”

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,/ Meu Deus! não seja já;/ Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,/ Cantar o sabiá!/ Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro/ Respirando êste ar;/ Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo/ Os gozos do meu lar/ O país estrangeiro mais belezas/ Do que a pátria, não tem;/ E êste mundo não val um só dos beijos/ Tão doces duma mãe!/ Dá-me os sítios gentis onde eu brincava/ Lá na quadra infantil;/ Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,/ O céu do meu Brasil!/ Se eu tenho de morrer na flor dos anos,/ Meu Deus! não seja já;/ Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,/ Cantar o sabiá!/ Quero ver êsse céu da minha terra/ Tão lindo e tão azul!/ E a nuvem côr-de-rosa que passava/ Correndo lá do sul!/ Quero dormir à sombra dos coqueiros,/ As fôlhas por dossel;/ E ver se apanho a borboleta branca,/ Que voa no vergel!/ Quero sentar-me à beira do riacho/ Das tardes ao cair,/ E sôzinho cismando no crepúsculo/ Os sonhos do porvir!/ Se eu tenho de morrer na flor dos anos,/ Meu Deus! não seja já;/ Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,/ A voz do sabiá!

<sup>4</sup> “Canção do exílio”

Minha terra tem palmeiras,/ Onde canta o Sabiá;/ As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá./ Nosso céu tem mais estrelas,/ Nossas várzeas têm mais flores,/ Nossos bosques têm mais vida,/ Nossa vida mais amôres./ Em cismar, sôzinho, à noite,/ Mais prazer encontro eu lá;/ Minha terra tem palmeiras,/ Onde canta o Sabiá./ Minha terra tem primores,/ Que tais não encontro eu cá;/ Em cismar – sôzinho, à noite –/ Mais prazer encontro eu lá;/ Minha terra tem palmeiras,/ Onde canta o Sabiá./ Não permita Deus que eu morra,/ Sem que eu volte para lá;/ Sem que desfrute os primores/ Que não encontro por cá;/ Sem qu’inda aviste as palmeiras,/ Onde canta o Sabiá.

Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flôres,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!<sup>5</sup> (“Meus oito anos”, Casimiro de Abreu)

Por outro lado, várias canções de Belchior (ex: “Velha roupa colorida”, “Mucuripe”, “Fotografia 3x4”, “Galos, noite e quintais”, “Como nossos pais”, “Na hora do almoço”, etc) também sugerem uma referência a um passado nostálgico. Entretanto, o eu-lírico, agora denominado de “sujeito pós-moderno”, ainda que perceba o passado como algo que pode provê-lo de uma sensação de satisfação, tem consciência de que esta situação nunca poderá se realizar e que não pode encontrar soluções para seus questionamentos no passado:

Eu era alegre como um rio  
Um bicho, um bando de pardais  
Como um galo quando a via  
Quando havia galos, noites e quintais  
Mas veio o tempo negro e a força fez comigo  
O mal que a força sempre faz.<sup>6</sup> (“Galos, noites e quintais”, Belchior)

Em outros momentos, há uma luta contra a saudade. O eu-lírico parece desafiar a saudade, mesmo consciente de sua fatalidade e sente um certo mal-estar por não conseguir se livrar dessa condição:

As velas do Mucuripe  
Vão sair para pescar  
Vou levar as minhas mágoas  
Pras águas fundas do mar  
Hoje à noite namorar  
Sem ter medo da saudade

---

<sup>5</sup> “Meus oito anos”

Oh! que saudades que tenho/ Da aurora da minha vida,/ Da minha infância querida/ Que os anos não trazem mais!/ Que amor, que sonho, que flôres,/ Naquelas tardes fagueiras/ À sombra das bananeiras,/ Debaixo dos laranjais!/ Como são belos os dias/ Do despontar da existência!/ - Respira a alma inocência/ Como perfumes a flor;/ O mar é lago sereno,/ O céu – um manto azulado,/ o mundo – um sonho dourado,/ A vida – um hino d’amor!/ Que auroras, que sol, que vida,/ Que noites de melodia/ Naquela doce alegria,/ Naquele ingênuo folgar!/ O céu bordado de estrêlas,/ A terra de aromas cheia,/ As ondas beijando a areia/ E a lua beijando o mar!/ Oh! dias da minha infância! Oh! meu céu de primavera!/ Que doce a vida não era/ Nessa risonha manhã!/ Em vez das mágoas de agora,/ Eu tinha nessas delícias/ De minha mãe carícias/ E beijos de minha irmã!/ Livre das montanhas,/ Eu ia bem satisfeito,/ Da camisa aberto o peito/ - pés descalços, braços nus –/ Correndo pelas campinas/ À roda das cachoeiras,/ Atrás das asas ligeiras/ Das borboletas azuis!/ Naqueles tempos ditosos/ Ia colher as pitangas,/ Trepava a tirar as mangas,/ Brincava à beira do mar;/ Rezava às Ave-Marias,/ Achava lindo,/ Adormecia sorrindo/ E despertava a cantar!/ Oh! que saudades que tenho/ Da aurora da minha vida,/ Da minha infância querida/ Que os anos não trazem mais!/ Que amor, que sonho, que flôres,/ Naquelas tardes fagueiras/ À sombra das bananeiras,/ Debaixo dos laranjais!

<sup>6</sup> “Galos, noites e quintais”

Quando eu não tinha o olhar lacrimoso/ Que hoje eu trago e tenho/ Quando adoçava o meu pranto e meu sono/ No bagaço de cano do engenho/ Quando ganhava esse mundo de meu Deus/ Fazendo eu mesmo o meu caminho/ Por entre as fileiras do milho verde/ Quando ondeiam com saudade do verde marinho/ Eu era alegre como um rio/ Um bicho, um bando de pardais/ Como um galo quando a via/ Quando havia galos, noites e quintais/ Mas veio o tempo negro e a força fez comigo/ O mal que a força sempre faz./ Não sou feliz mas não sou mudo/ Hoje eu canto muito mais/ Na na nanana-nana.

E sem vontade de casar<sup>7</sup> (“Mucuripe”, Belchior)

Veja como a canção abaixo expressa a condição semelhante à de cima, mas observe o tom de resignação:

Mas é você que ama o passado e que não vê...  
Mas é você que ama o passado e que não vê que o novo,  
o novo, sempre vem.  
E hoje eu sei que quem me deu a idéia de uma nova consciência e  
juventude  
está em casa, guardado por Deus, contando os seus metais.  
Minha dor é perceber que, apesar de termos feito tudo, tudo, o que  
fizemos,  
ainda somos os mesmos e vivemos  
ainda somos os mesmos e vivemos  
ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais!<sup>8</sup> (“Como nossos pais”, Belchior)

Na seguinte, o eu-lírico já demonstra uma força aparentemente maior para abandonar o passado e seguir rumo ao presente; entretanto, ao convocar a si mesmo e as pessoas a sua volta a abandonar o passado, acaba por retomar este mesmo passado uma vez que seu repúdio se faz pelo verbo rejuvenescer que faz referência direta a ele (o passado), pois significa “tornar jovem, remocar” (FERREIRA, *op.cit.*, p.1210):

Você não sente nem vê,  
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo,  
Que uma nova mudança, em breve, vai acontecer  
O que há algum tempo, era jovem e novo  
- hoje é antigo  
E precisamos, todos, rejuvenescer.<sup>9</sup> (“Velha roupa colorida”, Belchior)

---

<sup>7</sup> “Mucuripe”

As velas do Mucuripe/ Vão sair para pescar/ Vou levar as minhas mágoas/ Pras águas fundas do mar/ Hoje à noite namorar/ Sem ter medo da saudade/ E sem vontade de casar/ Calça nova de riscado/ Paletó de linho branco/ Que até mês passado/ Lá no campo era flor/ Sob o meu chapéu quebrado/ O sorriso ingênuo e franco/ De um rapaz novo e encantado/ Com vinte anos de amor/ Aquela estrela é dela/ Vida, vento, vela leva-me daqui.

<sup>8</sup> “Como nossos pais”

Não quero lhe falar, meu grande amor, das coisas que aprendi nos discos/ Quero-lhe contar como eu vivi e tudo o que aconteceu comigo./ Viver é melhor que sonhar e eu sei que o amor é uma coisa boa/ Mas também sei que qualquer canto é menor do que a vida de qualquer pessoa./ Por isso, cuidado, meu bem, há perigo na esquina./ Eles venceram e o sinal está fechado pra nós, que somos jovens/ Para abraçar meu irmão e beijar minha menina na rua,/ é que se fez o meu lábio, o meu braço e a minha voz./ Você me pergunta pela minha paixão./ Digo que estou encantado com uma nova invenção./ Vou ficar nesta cidade. Não, não vou voltar pro sertão,/ pois vejo vir vindo no vento o cheiro da nova estação,/ e eu sei de tudo na ferida viva do meu coração./ Já faz tempo, eu vi você na rua, cabelo ao vento - gente jovem reunida./ (Na parede da memória, esta lembrança é o quadro que dói mais.)/ Minha dor é perceber que, apesar de termos feito tudo, tudo, o que fizemos/ ainda somos os mesmos e vivemos... ainda somos os mesmos/ e vivemos como nossos pais./ Nossos ídolos ainda são os mesmos e as aparências não enganam,/ nao.../ Você diz que depois deles não apareceu mais ninguém./ Você pode até dizer que eu estou por fora ou, então, que eu/ estou inventando.../ Mas é você que ama o passado e que não vê.../ Mas é você que ama o passado e que não vê que o novo,/ o novo, sempre vem./ E hoje eu sei que quem me deu a idéia de uma nova consciência e/ juventude/ está em casa, guardado por Deus, contando os seus metais./ Minha dor é perceber que, apesar de termos feito tudo, tudo, o que/ fizemos,/ ainda somos os mesmos e vivemos.../ ainda somos os mesmos e vivemos.../ ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais!

<sup>9</sup> “Velha roupa colorida”

É interessante notar que, embora o passado seja vivenciado como nostálgico, o sujeito pós-moderno se vê obrigado a aceitar que já não se pode vislumbrar felicidade na idealização de um tempo que não seja o presente ao mesmo tempo em que percebe que o passado também não é de todo descartável, pois este continua a exercer força sobre nós. Isso porque o sujeito pós-moderno não pode se voltar ao passado em um tempo (ou seja, a contemporaneidade pós-moderna) cujo corolário é a idéia de um eterno presente, em que transformações estão sempre ocorrendo. O cenário em que vivemos hoje aponta que “o ser humano que escolhe, decide, dá forma, que aspira ser o autor de sua própria vida, o criador de uma identidade individual, é o personagem central de nosso tempo” (BECK, 2004, p.236) e que, embora desejemos que as coisas não sejam assim, não podemos voltar à tradição, pois esta está em constante declínio. Atribuo, portanto, a atitude do sujeito pós-moderno face à saudade

a assim chamada ‘crise de identidade’ [que] é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2005, p.7)

Em geral, o sujeito pós-moderno luta contra a saudade ainda que esta seja parte de sua experiência constitutiva enquanto sujeito. Entretanto, cabe ressaltar que, em determinados momentos, sua consciência de que não pode voltar ao passado trai seu verdadeiro desejo de regresso ao passado. Neste sentido, pode se perceber que, em relação ao sujeito romântico que acredita poder encontrar sua felicidade somente no passado por ele idealizado, o sujeito pós-moderno sente um certo mal-estar porque sabe que não poderá jamais regressar ao seu passado.

## **Conclusão**

Ao propor uma leitura da saudade em realizações artísticas distantes no tempo, tencionei resgatá-la como um modo de ser e de estar no mundo, experimentada por todos os homens, em todas as culturas. Entretanto, seu significado/conteúdo varia de época para época e de cultura para cultura conforme mostraram os exemplos.

A saudade como este modo de ser e estar no mundo e pensada a partir da estética romântica e da estética de Belchior sugeriu diferenças qualitativas na maneira pela quais sujeitos historicamente situados a experienciam. Isso demonstra que o texto poético pode se constituir espaço privilegiado para se pensar e discutir questões relacionadas ao modo de inserção do indivíduo no mundo pós-moderno. E neste mesmo sentido, foi possível também perceber tensões, contradições e ambigüidades da experiência deste sujeito pós-moderno enquanto ser social e político, pois, ler o texto poético

significa identificar as estruturas psicológicas e sociológicas significadas em sua semântica, já que, se a palavra é fenômeno ideológico por excelência, os signos emergem do processo de interação entre uma consciência individual e outra, e a construção do objeto poético subordina-se à verdade (real ou imaginária) do sujeito e do grupo. (CYNTRÃO, 2004, p.12)

Acrescentaria ainda às palavras de Cyntrão que “estudar a arte é explorar uma sensibilidade; de que esta sensibilidade é essencialmente uma formação coletiva; e de que as bases de tal formação

---

Você não sente nem vê,/ mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo,/ que uma nova mudança, em breve, vai acontecer./ O que há algum tempo, era jovem e novo/ - hoje é antigo./ E precisamos, todos, rejuvenescer./ Nunca mais meu pai falou:/ - She's leaving home/ E meteu o pé na estrada like a rolling stone./ Nunca mais eu convidei minha menina/ para correr no meu carro/ - loucura, chiclete e som./ Nunca mais você saiu à rua, em grupo reunido,/ o dedo em V, cabelo ao vento, amor e flor.../ que é do cartaz ?/ No presente, a mente - corpo é diferente,/ e o passado é uma roupa que não nos serve mais./ Como Poe, poeta louco americano,/ eu pergunto ao passarinho:/ - Blackbird, assum preto, que se faz ?/ E raven-never-raven-never-raven-never,/ assum preto, passo preto, blackbird, me respondeu/ - Tudo já ficou atrás./ E raven-never-raven-never-raven-never,/ blackbird, assum preto, passo preto, me respondeu:/ - O passado nunca mais.



são tão amplas e tão profundas como a própria vida social” (GEERTZ, 2002, p.149). Daí, minha proposta de pensar os sentimentos e vivências humanas a partir do universo simbólico que os estruturou.

Nestes termos, a análise vislumbrou que o saudosismo do sujeito romântico e do sujeito pós-moderno se manifesta por imagens e temas, razoavelmente, semelhantes, como a idealização da infância, do amor à terra natal<sup>10</sup>, etc. Entretanto, enquanto o sujeito romântico acredita poder um dia alcançar a realidade por ele idealizado e atribui a superação do seu mal-estar atual à volta ao passado, o sujeito pós-moderno tem consciência de que nunca poderá voltar ao passado e que a origem de seu mal-estar, talvez, esteja vinculado à sua consciência de que jamais poderá regressar ao tempo em que o prazer e a alegria estavam presentes. Sendo assim, a pós-modernidade deve ser entendida não apenas como o culto pelo novo ou como um processo de “destraditionalização” (HEELAS, 1996), mas como uma constante relação de conflito entre o novo e a tradição a partir do qual se criam novas possibilidades de experienciar a realidade.

## **Referências Bibliográficas**

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BECK, Ulrich. Viver a própria vida num mundo em fuga: individualização, globalização e política. IN: GIDDENS, Anthony; HUTTON, Will (orgs.). **No Limite da Racionalidade**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BLEICHMAR, Hugo. **Depressão: um estudo psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- BORNHEIM, Gerd. Filosofia do Romantismo. IN: GUINSBURG, J. (org.). **O Romantismo**. São Paulo, Perspectiva, 1993.
- CASIMIRO, Abreu de. **As Primaveras**. São Paulo: Martins, 1972.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.
- CYNTRÃO, Sylvia Helena. **Como ler o texto poético: caminhos contemporâneos**. Brasília: Plano Editora, 2004.
- DIAS, Gonçalves. **Gonçalves Dias: Poesia e prosa completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. IN: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos. IN: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. vol. VI e V. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. A arte como um sistema cultural. IN: **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 2002.

---

<sup>10</sup> É importante assinalar que nos poemas românticos a terra natal se refere à pátria, ao passo que nas canções de Belchior esta mais ligada à cidade de origem do eu-lírico.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEELAS, Paul et ali. **Destraditionalization**: critical reflections on authority and identity. London: Blackwell Publishers, 1996.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro**: depressão e melancolia. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Escala, s/d.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. Rio de Janeiro: IBRASA, 1981.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos**: a melancolia européia chega ao Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SITE OFICIAL DE BELCHIOR. <[www.brazilianmusic.com.br/belchior](http://www.brazilianmusic.com.br/belchior)> Acessado em 02/05/2007.

TOBIAS, José Antônio. **O mistério da saudade**. Marília: Fac Filos Cienc & Letras, 1966.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**: nilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2002.